

Articulações mercantis: o papel da família no comércio entre Minas Gerais e a Corte (c.1790-1880)

Paula Chaves Teixeira *

Resumo:

O presente artigo ressalta o papel da família como meio de inserção de comerciantes nas redes de negócios e praças mercantis distantes, sobretudo no comércio entre a província de Minas Gerais e a Corte do Rio de Janeiro, ao longo do século XIX. Para tanto, recorreremos ao caso do fazendeiro mineiro Gervásio Pereira Alvim e sua rede de negociantes situados na praça carioca e em alguns pontos da comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais.

Palavras-Chave: Família, Comércio, Redes Mercantis.

Abstract:

This article points out the family's paper as a way of merchants' insert in the businesses nets and distant markets, specially all in the trade between the province of Minas Gerais and the Rio de Janeiro Court, along the 19th century. To work on it, we fell back upon the farmer's case Gervásio Pereira Alvim from Minas Gerais and his merchants' net located in the "carioca" market and in some points of the Rio das Mortes District, Minas Gerais.

Keywords: Family, Trade, Mercantile Nets.

Introdução

Esse artigo pretende ressaltar o papel da família como meio de inserção de comerciantes nas redes de negócios e praças mercantis distantes. Para tanto, recorreremos ao caso do fazendeiro e comerciante mineiro Gervásio Pereira Alvim, morador no distrito da Lage, termo da vila de São José, comarca do Rio das Mortes, província de Minas Gerais.

Gervásio viveu entre os anos de 1827 e 1902 e atuou no comércio abastecedor da Corte a partir da década de 1850. Tornou-se figura central neste estudo por ser ele uma porta para o oitocentos. Mais especificamente, porque ele, a partir de seus contatos mercantis firmados na Corte, nos permite estudar pontualmente a formação de uma rede de comércio entre a praça carioca e a comarca do Rio das Mortes e a dinâmica destas relações. Para tanto, recorreremos à sua documentação privada.

A documentação privada do fazendeiro e comerciante mineiro, composta por cartas, contas, “notas promissórias” e acordos, torna possível adentrar no contexto do Brasil oitocentista e destrinchar uma ampla rede de exercício social, econômico e político em níveis locais e regionais. O acervo pessoal do fazendeiro permite observar as relações comerciais

* Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista ICAM-USIMINAS, 2008.

entre praças distantes e, sobretudo, os negócios que envolveram mineiros e cariocas na segunda metade do século XIX. Por meio de seus contatos na Corte, ele deixou um riquíssimo manancial de informações sobre a dinâmica mercantil travada no eixo Rio de Janeiro – São João del Rei – São José – Lage – Carrancas.

Família e negócios

No cotidiano social do Brasil Imperial a família constituía a principal base de sustento dos sujeitos históricos: “foi pela e para a família, não necessariamente a consangüínea, que todos os aspectos da vida cotidiana, pública ou privada, originam-se ou convergem” (FARIA, 1998: 21). Nesse sentido, a família foi o principal instrumento de inserção social, mantendo estratégias que visavam a ascensão, a manutenção do *status* social e econômico, a reprodução da riqueza, enfim garantindo a mobilidade na hierarquia.

A mobilidade, no entanto, fosse ascendente, fosse descendente não se restringia a um indivíduo isolado. Ela refletia de forma vantajosa ou desvantajosa sobre o conjunto que compunha a família. Assim, os projetos de um indivíduo eram concretizados a partir da participação da família, ou seja, os sucessos ou insucessos, a sobrevivência ou desaparecimento dele, o indivíduo, dependiam de articulações que fossem tecidas pelo grupo familiar (LEVI, 2001).

Base de identificação e sustentação dos sujeitos, a família teve papel de organizador das relações sociais, econômicas e políticas no Brasil oitocentista. A família e a casa eram orientadores dos contatos sociais entre os indivíduos e fomentadores da formação das redes de parentelas (GRAHAM, 1997: 32-42). No mundo mercantil, a importância da família reverberava na sua capacidade de favorecer a construção das redes de clientela e/ou amizade tão importante para a prática comercial. A necessidade de familiares, bem como de amigos em diferentes praças de comércio eram essencial, tanto pelo caráter das relações econômicas, que estavam imersas em relações de vizinhanças, de clientelas e parentesco (POLANYI, 2000; LEVI, 2001), quanto pelo fato dos tratos mercantis dependerem de referências construídas a partir dos contatos sociais.

Facilitar os contatos entre os indivíduos, suprindo as dificuldades de circulação dos acertos de negócios, favorecer o crédito e as relações entre os negociantes foram atribuições da família e das “solidariedades”, formadas a partir dos laços consanguíneos, no comércio entre a província de Minas Gerais e a Corte. Em especial a rede de contatos mercantis de Gervásio Pereira Alvim, que ligava a comarca do Rio das Mortes à capital do Império, na segunda metade do século XIX, foi partir dos laços de parentesco e amizade que novos

membros eram apresentados e creditados aos antigos e iniciados na atividade mercantil. Nem mesmo a presença do Tribunal do Comércio, no Rio de Janeiro, cuja função era regulamentar a atividade comercial e dar mais segurança aos praticantes do comércio, os negociantes, principalmente, com os quais Gervásio Pereira Alvim mantinha contatos, abdicavam de saber exatamente com quem estavam tratando. Eles conheciam os parentes situados na Corte e os da província de Minas Gerais. As relações não estavam isentas da vida familiar, da parentela e/ou redes de clientela, o que facilitava, assim, a reconhecida dinâmica do crédito mercantil.

Na praça carioca, a rede mercantil de Gervásio Pereira Alvim foi constituída, em sua maioria, de mineiros, cujas origens se assentavam nas fazendas da comarca do Rio das Mortes. Estes comerciantes mineiros firmaram-se na principal praça mercantil do país por volta da década de 1840. A entrada deles no mercado carioca teve fortes ligações com o setor abastecedor. Os contatos de Gervásio eram descendentes dos fazendeiros, tropeiros e pecuaristas que abasteceram a cidade do Rio de Janeiro no tempo de D. João VI. O próprio avô e o pai, além dos tios de Gervásio participaram ativamente desse comércio. O avô de Gervásio, o português e capitão-mor Gervásio Pereira Alvim, um dos homens mais ricos do distrito da Lage, em 1831, ampliou a fortuna herdada de seu sogro, coronel José de Resende Costa, no abastecimento da Corte. Enquanto seu pai, o capitão Gervásio do Carmo, fora um dos mais importantes atravessadores de escravos da região.

Os laços que os uniam estes comerciantes estavam aquém dos construídos na segunda metade do século XIX. Antes mesmos de se mudarem para a Corte, suas famílias já eram velhas conhecidas, faziam parte do mesmo grupo social, compunham a elite regional da comarca do Rio das Mortes.

A comarca, sobretudo o eixo São José – São João – Carrancas, foi o elo destes comerciantes. As famílias se conheciam, mantinham contatos e na primeira metade do século XIX já se articulavam socialmente, formando as redes de parentesco e vizinhança, além de terem atuado em conjunto no processo de abastecimento da Corte após a vinda da Família Real.

Na segunda metade do oitocentos, estes contatos foram incrementados com o estabelecimento mercantil de alguns membros na praça carioca, facilitando, desta forma, as relações comerciais entre as regiões. No Rio de Janeiro, eles atuaram como intermediários dos fazendeiros e comerciantes estabelecidos na província de Minas Gerais, recebendo pedidos e encomendas, cuidando do envio das cargas e transporte, realizando compras e pagamentos, além de informarem sobre as finanças, mercado e cotação dos produtos.

Uma vez estabelecidos ali, também contribuíram para a construção da credibilidade e confiança dos fazendeiros e comerciantes mineiros, visto serem pouco conhecidos no mercado nacional. O conhecimento dos envolvidos na prática mercantil facilitava o acesso ao crédito, pois este era concedido mediante algumas garantias, não apenas econômicas como a cobrança de juros, mas também sociais.

Neste quesito, a família também apareceu como importante suporte dos novos membros. A ciência de com quem realmente estavam lidando, o reconhecimento das riquezas e “famas” de bons credores eram fundamentais para o exercício do comércio. Como este comércio, até mesmo em praças distantes, era realizado a prazo, o comerciante necessitava de garantias sociais e econômicas, além da confiança de que o seu devedor iria cumprir com os deveres no acerto das contas. Mesmo a presença da Junta do Comércio e, posteriormente, do Tribunal do Comércio não isentava os comerciantes de saberem com quem estavam mercando.

A comunicação e a notícia eram muito importantes para se obter sucesso no mundo do comércio. Assim, a troca de correspondência entre os membros da rede foi intensa. Gervásio Pereira Alvim buscou, junto aos seus familiares mais próximos, as informações sobre os mercados nacionais e internacionais, sobre a cotação dos produtos, sobre suas finanças, créditos, débitos, ordens de pagamentos, pedidos de produtos, transportes, etc. Enquanto com outros comerciantes, os assuntos giravam em torno das movimentações financeiras, débitos e créditos em conta do fazendeiro, dos recebimentos de pedidos e seus envios, sobre as faturas das compras, entre outros. Porém, informações sobre familiares e a lembrança dos laços de estima e gratidão estavam presentes em quase todas as cartas.

Enfim, a família quando não atuava diretamente como suporte de apoio financeiro, agia de forma indireta através de suas redes de clientela e parentesco, identificando e creditando seus membros. Tanto no comércio interprovincial, quanto no intraprovincial, sua ação convergia neste sentido. Como bem atentou Fernand Braudel, o lugar ocupado e alcançado pelo comerciante dependia muito de seu ponto de partida e era difícil alguém do nada transformar-se num grande comerciante (BRAUDEL, 1998:336-339). Em acordo com o historiador francês acreditamos que a atuação de Gervásio, e de seus descendentes, no mercado interprovincial esteve ligada também com sua “herança imaterial”: as redes de clientela e parentesco construídas ao longo das gerações.

Vários contatos e muitas redes tecidas pelas relações familiares. Assim, observamos o papel fundamental da família na inserção dos comerciantes nas redes e nas praças distantes de suas origens geográficas. A partir dos laços de parentesco e amizade os novos membros eram

apresentados e creditados aos antigos, familiarizados com todos os mecanismos mercantis. Enfim, os contatos e o ato da mercancia eram também parte das tantas teias que a família tecia.

Bibliografia

BERTRAND, Michel. “De la familia a la red de sociabilidad” IN: **Revista mexicana de Sociologia**. Nº 2, Vol. 61. Abril/Junho 1999, pp. 107-135.

BRAUDEL, Fernand. **Civilização material, economia e capitalismo – séculos XV-XVIII: Os jogos das trocas**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BRÜGGER, Silvia M. J. **Minas patriarcal: família e sociedade (São João del Rei – séculos XVIII e XIX)**. São Paulo: Annablume, 2007.

CAMPS, Joan Bestard. “La estrechez del lugar. Reflexiones en torno a las estrategias matrinomiais cercanas.” IN: JIMÉNEZ, Francisco Chacon & FRANCO, Juan Hernández (eds.) **Poder, família y consanguinidad em la Espana del Antiguo Régimen**. Barcelona: Antropos, 1992.

CHAVES, Cláudia M. G. **Perfeitos negociantes: mercadores das Minas setecentistas**. São Paulo: Annablume, 1999.

_____. **Melhoramentos no Brasil: integração e mercado na América Portuguesa (1780-1822)**. Niterói: UFF, 2001. (Tese de doutorado)

FARIA, Sheila S. C. **A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. “Fortuna e família em Bananal no século XIX”. IN: CASTRO, Hebe Maria de Mattos & SCHNOOR, Eduardo (orgs.). **Resgate: uma janela para o oitocentos**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

FRAGOSO, João L. R. **Homens de grossa aventura: acumulação e hierarquia na praça mercantil do Rio de Janeiro, 1790-1830**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. Rio de Janeiro: José Olympio Editor, 25ª. Edição, 1987.

FURTADO, Júnia F. **Homens de negócios: a interiorização da metrópole e do comércio nas Minas setecentistas**. São Paulo: Hucitec, 1999.

GRAÇA FILHO, Afonso A. **A princesa do oeste e o mito da decadência de Minas Gerais: São João del Rei (1831-1888)**. São Paulo: Annablume, 2002.

GRAHAM, Richard. **Clientelismo e política no Brasil do século XIX**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

GUIMARÃES, Carlos Gabriel. **Bancos, economia e poder no segundo reinado: o caso da sociedade bancária Mauá, McGregor & Companhia (1854-1866)**. São Paulo: USP, 1997. (Tese de doutorado).

KULA, Witold. **Teoria econômica do sistema feudal**. Lisboa: Editora Presença / São Paulo: Martins Fontes, 1979.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil (1808-1842)**. São Paulo: Símbolo, 1979.

LEVI, Giovanni. **A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

MATTOSO, Kátia M. Q. **Bahia, século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MUAZE, Mariana. **As memórias da viscondessa: família e poder no Brasil Império**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

PEDREIRA, Jorge Miguel Viana. **Os homens de negócio da praça de Lisboa de Pombal ao vintismo (1755-1822)**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1995, (Tese de doutorado).

POLANYI, Karl. **A grande transformação: as origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2ª ed. 2000.

TEIXEIRA, Maria Lúcia R. Chaves. **Família escrava e riqueza na comarca do Rio das Mortes: o distrito da Lage e o quarteirão do Mosquito**. São Paulo: Annablume, 2006.

TEIXEIRA, Paula Chaves. **Negócios entre mineiros e cariocas: família, estratégias e redes mercantis no caso Gervásio Pereira Alvim (1850-1880)**. Niterói: UFF, 2009. (Dissertação de mestrado).

VENÂNCIO, Renato P. “Comércio e fronteira em Minas colonial”. IN: FURTADO, Júnia Ferreira. **Diálogos oceânicos: Minas Gerais e as novas abordagens para uma história do Império Ultramarino português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

ZEMELLA, Mafalda P. **O abastecimento da capitania das Minas Gerais no século XVIII**. São Paulo: Hucitec-Edusp, 2ª edição, 1990.